



# CONQUISTANDO A “CULTURA DO MUNDO” PARA JESUS: UMA ESTRATÉGIA EVANGÉLICA

*Winning over the “culture of the world” for Jesus: an evangelical strategy*

Lucas Luiz Rocha Ferreira da Silva\*

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

DOI: 10.29327/256659.16.1-12

## RESUMO:

Em minha pesquisa de campo realizada na Igreja A Ponte, em Recife-PE, observei como essa comunidade evangélica incorpora discursos culturais em seus cultos e eventos. Acompanhando os encontros presenciais, assim como suas postagens em redes sociais e plataformas digitais identifiquei o conceito nativo de *arco da cultura*, apresentado como uma forma de diálogo com a *cultura local*. Em alguns eventos promovidos pela igreja há conexões diretas com a Missão *Steiger*, um grupo que se dedica à evangelização de centros urbanos e tem como lema *alcançar e discipular a cultura jovem para Jesus*. O objetivo deste trabalho é tensionar os meus dados etnográficos com análises sobre a relação entre religião e cultura no contexto evangélico, com base em autores como Nina Rosas (2015), Taylor Aguiar (2020a, 2020b), Emerson Giumbelli (2018, 2021), Livia Reis e Rodrigo Toniol (2021) e Livia Reis (2023). A partir desses autores, argumento que a cultura se tornou um campo de disputa para esse segmento religioso, que projeta o Brasil como uma nação cristã.

**Palavras-Chave:** Religião; Cultura; Evangélicos; Teologia do Reino.

---

\*Doutorando e mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA-UFPE). Bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE). E-mail: [lucas.luizsilva@ufpe.br](mailto:lucas.luizsilva@ufpe.br)

## INTRODUÇÃO

A expressão *ser o sal da terra* é um argumento frequentemente utilizado em algumas igrejas evangélicas. Essa referência bíblica serve para indicar aos fiéis que, como seguidores de Cristo, eles/elas se diferenciam das demais pessoas neste mundo. Nessa perspectiva, os servos de Jesus devem ser o diferencial e levar o Evangelho aos demais. A partir dessa lógica, alguns discursos religiosos evidenciam a separação entre um mundo cristão e um mundo não cristão, este último visto como o oposto do ideal, portanto, algo a ser conquistado e transformado.

Ao observar o contexto evangélico brasileiro, algo frequentemente destacado pelos analistas sociais desse segmento é a sua capacidade de se adaptar às características eminentes de um mundo contemporâneo em constante mudança. Um dado para esta constatação consiste no crescimento exponencial dos evangélicos no território brasileiro nas últimas décadas. Dessa maneira, lanço uma pergunta inicial que guiou minha pesquisa: como os evangélicos se articulam em relação à cultura?

Nesse contexto, este artigo visa apresentar como pesquisadores das ciências humanas – principalmente da antropologia e da sociologia – analisam a relação entre evangélicos e cultura no campo religioso brasileiro. A partir das discussões desses autores, é possível inferir algo muito importante para análise desse fenômeno: a cultura passou a ser também um campo de disputas para os/as evangélicos/as. Nesse contexto, me proponho a tensionar as análises já existentes sobre essa temática com os dados empíricos de minha pesquisa de campo, desenvolvida em meu mestrado em antropologia na Universidade Federal de Pernambuco (ver Silva, 2023).

Durante minha pesquisa na Igreja evangélica A Ponte ou apenas Ponte, localizada em Recife, Pernambuco, nos anos de 2020 até o início de 2023, pude identificar formas em que a noção de *cultura* foi operacionalizada em cultos e eventos promovidos por essa comunidade religiosa. A Ponte, que se apresenta como uma igreja cristã reformada em seu site<sup>1</sup>, também se autoafirma em seus cultos e eventos como evangélica. Em quase todos os cultos, a igreja é frequentemente descrita por meio de uma analogia com um modelo arquitetônico de uma ponte<sup>2</sup>, composta por uma plataforma sustentada por três arcos. Para eles, a plataforma representa o Evangelho de Cristo, enquanto os três arcos simbolizam relacionamento, serviço e

---

<sup>1</sup><https://keepo.io/somosaponte/>. Acesso em 09 de setembro de 2024.

<sup>2</sup>Fazendo referência também a modelos arquitetônicos das pontes que dá acesso ao bairro do Recife Antigo.

*cultura*. Quando se referem especificamente ao *arco da cultura*, destacam a possibilidade de um diálogo entre a palavra de Deus e a *cultura local*.

Na pesquisa, busquei compreender o que seria o arco da cultura, com especial atenção à noção de cultura proposta pela Igreja A Ponte. No trabalho do antropólogo Matthew Engelke (2013) sobre sua pesquisa de campo realizada na Inglaterra, ele destaca a relação de um grupo religioso com a cultura. Conforme o autor:

antropólogos e evangélicos não veem a cultura exatamente da mesma forma, no entanto. Para os antropólogos, o oposto de cultura é a natureza. Para os evangélicos, o oposto de cultura é a Igreja. A cultura, nesse uso cristão, carrega um conjunto específico de significados que derivam sua força de certas suposições sobre a secularização como um processo de separação da religião de todo o resto. (Engelke, p.70, 2013, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Parafraseando Engelke (2013, p. 70), questiono: os antropólogos e a Igreja A Ponte pensam esse conceito da mesma maneira? Inicialmente, diria que não, mas pretendo construir o argumento para essa resposta ao longo do artigo. Em termos metodológicos, destaco que a pesquisa consiste em um trabalho de campo com coleta de dados realizada tanto presencialmente quanto virtualmente<sup>4</sup>, uma vez que a igreja faz uso constante de plataformas digitais e redes sociais para sua divulgação. Também tive a oportunidade de conversar com líderes de ministérios da igreja e com frequentadores dos cultos.

A categorização da Igreja A Ponte dentro do Protestantismo é desafiadora, pois a literatura, como apontam Clara Mafra (2001) e Ricardo Mariano (1999), distingue as correntes em Protestantismo tradicional, pentecostalismo, renovada e neopentecostal. Embora a igreja tenha inicialmente utilizado o termo *presbiteriana*, hoje não o faz e não adota práticas como glossolalia ou teologia da prosperidade. Por isso, considero A Ponte *independente* dessas correntes, embora ainda seja influenciada por práticas presbiterianas, aproximando-se do Protestantismo tradicional. Em conversa com um interlocutor, ele afirmou que a mudança de nome não ocorreu por conflitos, mas por questões burocráticas, e que, apesar das origens

---

<sup>3</sup>Não concordo inteiramente com a ideia de que antropólogos entendem cultura como algo oposto à natureza. Autores como Marilyn Strathern e Bruno Latour, entre outros, problematizam essa dicotomia. Embora esta discussão não seja o foco deste artigo, considero pertinente indicar que a noção de natureza versus cultura é amplamente questionada dentro da antropologia.

<sup>4</sup>A coleta de dados de forma virtual apareceu também como alternativa para a coleta de dados de minha pesquisa, pois no período inicial em que cursei o mestrado em antropologia (2020-2023) o mundo passava pela pandemia do COVID-19 e todas suas implicações sociais e econômicas. A igreja Ponte, em seu canal do *YouTube* transmitia seus cultos e utilizava o *instagram* de forma ativa para suas divulgações. Dessa forma, acompanhei atentamente tais ferramentas virtuais.

presbiterianas, a igreja se diferenciou devido à sua abordagem moderna e conexão com a *cultura*, desvinculando-se após o crescimento e tornando-se apenas *A Ponte*.

É preciso pontuar que ao falar em evangélicos não podemos analisá-los enquanto um grupo homogêneo, sendo preciso estar atento aos diversos contextos sociais, teológicos, historiográficos e diferentes afiliações políticas da vertente religiosa. É importante destacar também que uma pessoa que se identifica como evangélica não se resume apenas a isso, podendo ser outras coisas além do seu pertencimento religioso. Embora no artigo utilizo por diversas vezes o termo os evangélicos, a análise aqui apresentada parte da noção das diversas diferenças que podem surgir no cenário evangélico.

Como se sabe, cultura é uma noção fundamental para antropólogas e antropólogos, frequentemente utilizada como chave analítica para compreender a diversidade humana. Entretanto, autoras como a antropóloga Lila Abu-Lughod (2018) problematizam a sua reificação e os riscos de cristalizar experiências sob uma definição fixa. Ainda assim, considero que o conceito de cultura permanece válido para o trabalho antropológico, sobretudo como ferramenta metodológica, como discutido por Roy Wagner (2012).

A noção de *cultura* com aspas e cultura sem aspas, da antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (2009), será utilizado neste artigo para indicar que o uso do termo com aspas consiste na operacionalização nativa – êmica – do conceito, enquanto cultura sem aspas consiste no entendimento científico/epistemológico – sobretudo o uso antropológico – do termo<sup>5</sup>.

Partindo da consideração do antropólogo Emerson Giumbelli (2018), que aponta que as interconexões entre religião e cultura em diversos âmbitos não se limitam a um registro descritivo, mas envolvem acompanhar como se manifestam nas políticas estatais e em práticas sociais específicas, proponho assim analisar os sentidos atribuídos à noção de cultura — ou cultura — na Igreja Ponte em Recife, Pernambuco.

No decorrer do artigo, apresento a noção de Teologia da Dominação e da *Cultura do Reino*, correntes teológicas centrais para o debate proposto. Para isso, mobilizo as contribuições de Nina Rosas (2015) e Taylor Aguiar (2020a, 2020b). Em seguida, analiso dados empíricos que ilustram como a Igreja A Ponte utiliza a noção de *cultura* em seus cultos e eventos, com especial ênfase na análise de um culto voltado ao diálogo com a *cultura*. Na sequência, apresento outro conjunto de dados, onde discorro sobre a relação entre a Igreja A Ponte e o

---

<sup>5</sup>A discussão de Carneiro da Cunha (2009) é mais profunda do que estou indicando, não tenho intenção de reduzir toda uma complexidade.

grupo evangelístico internacional Missão *Steiger*, que busca evangelizar e atrair jovens por meio de uma *abordagem cultural*. Em ambos os casos, a noção de cultura é central nos discursos da igreja, particularmente no que se refere à possibilidade de transformar a *cultura do mundo* em uma cultura cristã. Por fim, analiso esses dados à luz do conceito de secularismo estratégico, proposto pelo antropólogo Matthew Engelke (2009, 2013).

## **TEOLOGIA DO DOMÍNIO, TEOLOGIA DO REINO E “CULTURA DO REINO”: UM PROJETO DE TRANSFORMAÇÃO**

Trabalhos como os de Nina Rosas (2015) e Taylor Aguiar (2020a, 2020b) elucidam o conceito de Teologia do Domínio, também conhecida como Teologia do Reino, ou ainda, *cultura do Reino*. Essa teologia tem sido adotada por igrejas e grupos paraeclesiais, como evidenciado etnograficamente por Aguiar (2020a, 2020b), e aparece nos discursos de grandes representantes da música gospel no Brasil, como o grupo Diante do Trono, analisado por Rosas (2015). Durante meu trabalho de campo, observei discursos alinhados com essa vertente teológica. Mas o que é, afinal, a Teologia do Domínio?

De acordo com Nina Rosas (2015), a Teologia do Domínio foi propagada em meados dos anos 1980, tendo como um dos grandes nomes Peter Wagner, teólogo estadunidense responsável por formar várias lideranças pentecostais. De forma geral, argumenta-se que Deus teria dado o domínio e a autoridade da terra desde a criação de Adão, mas devido ao pecado original, esse domínio foi perdido, sendo restituído após o sacrifício de Jesus na cruz. Assim, os seus seguidores teriam a oportunidade de liderar e dominar a terra através dos valores do Reino de Deus.

Rosas (2015, p. 248) indica que, com o passar dos anos, a Teologia do Domínio foi refinada pelo próprio Peter Wagner, podendo ser conhecida também como Teologia do Reino. O teólogo argumentou que teria recebido um entendimento divino mais ampliado, defendendo a ideia de que os seguidores de Cristo não deveriam apenas evangelizar o mundo, mas também estabelecer um *mandato cultural* que visa à transformação da sociedade.

A referida autora evidencia a presença de um discurso retórico dessa teologia presente nas atividades do grupo gospel Diante do Trono. Com influência de pessoas ligadas diretamente ao teólogo Peter Wagner, o grupo em questão vem acionando e adaptando essa teologia. Rosas (2015) exemplifica que os eventos e os shows organizados pelo Diante do Trono

pelo Brasil, chamados por eles de *atos proféticos*, seguiram por várias regiões do país, principalmente lugares ligados a grandes festas tradicionais, como o show no sambódromo do Rio de Janeiro, a Festa do Peão de Boiadeiro, em São Paulo, e em Juazeiro do Norte, local de grande peregrinação católica. O discurso acionado pelo grupo seria a necessidade de *resgatar* e *santificar* esses locais que estariam sob influências malignas.

Conforme Nina Rosas (2015), a apropriação da lógica da Teologia do Reino acionada pelo Diante do Trono indica um posicionamento não sectário do mundo, no sentido de que o discurso não pretende se afastar e rejeitar o mundo, mas sim *dominar*, estendendo sua atuação para além do âmbito religioso, e onde demonizar e marginalizar as práticas e as manifestações culturais seria uma forma de evangelizar e moralizar a sociedade a partir de uma *cultura religiosa purificadora*.

Em Taylor Aguiar (2020a), é visto que a expressão *cultura do Reino* está inserida nessa teologia acima indicada, em que o caráter transformativo da sociedade ou do *mundo* ganha centralidade. Dessa forma, o que podia ser visto como um campo nocivo e que precisava ser evitado, passa a ser um campo de disputa para a promoção do Reino de Deus. De forma geral, a *cultura do Reino* é estabelecida através de uma transformação da *cultura do mundo* e do estabelecimento de outra *cultura*, sendo esta com valores cristãos.

Para Aguiar (2020b), é interessante perceber como as relações com o que os evangélicos concebem como *mundo* e cultura podem mudar a partir dessa implicação, pois cultura já não seria nada estritamente algo pertencente à esfera secular, mas sim um campo de disputa para ascensão do Reino de Deus. O que o supracitado autor identificou em seu trabalho de campo em uma igreja pentecostal (*Brasa Church*) de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, foi a presença de uma retórica em que os jovens eram intimados a fazer a diferença no mundo, em que a *cultura do Reino* servia como um processo balizador de transformação da sociedade. Em um trecho do seu artigo, podemos verificar uma contextualização dessa retórica:

a “cultura do Reino” pressupõe um processo que começa interiormente, com a conversão pessoal, e alcança a coletividade, através da agregação dos sujeitos religiosos ao povo que constitui o Reino apregoado. No dia 24 de novembro de 2018, o pregador do culto da *Brasa Church* foi Teo Hayashi, líder de um movimento paraclesiástico chamado Dunamis Movement, voltado, sobretudo, ao trabalho evangelístico com jovens universitários. No site do Dunamis, fica evidente a ideia de que a cultura deve ser transformada pelos princípios do Reino de Deus: “Nós buscamos DESPERTAR uma geração para que ela venha ESTABELECEER a Cultura do Reino de Deus na Terra e assim TRANSFORMAR a sociedade a sua volta” (Aguiar, 2020b, p. 160).

Pensando no sentido de cultura acionado pelos agentes analisados por Taylor Aguiar (2020b) e Nina Rosas (2015), fica evidente que os discursos compreendem cultura como um modo de vida. Entretanto, a *cultura do Reino* seria o modelo ideal de vida na Terra, orientado pelos valores cristãos. Em comparação com o que foi posto por Engelke (2010, p. 70), o entendimento antropológico do conceito de cultura parece divergir da visão desses agentes evangélicos. Para eles, não há relativização de modos de viver, mas a afirmação de que um modo específico — o cristão — deve prevalecer sobre outras formas de vida.

Como indica Aguiar (2020b), o termo *cultura do reino* não é apenas evocado pela *Braza Church*, mas faz parte da agenda de um movimento evangélico que vem ganhando notoriedade no campo religioso. Um exemplo desse movimento consiste nas ações do Dunamis, um movimento cristão que evoca o termo. No seu site o grupo indica: “buscamos despertar uma geração para que ela venha estabelecer a cultura do Reino de Deus na Terra e assim transformar a sociedade à sua volta”<sup>6</sup>. O referido grupo foi um dos responsáveis por organizar o evento intitulado *The Send Brasil*, noticiado como um tipo de *festival gospel*<sup>7</sup>, que ocorreu em três estádios de futebol no primeiro trimestre de 2020. Nos dias que sucederam o evento, houve a presença da então ministra Damares Alves e do então presidente Jair Bolsonaro<sup>8</sup>, conhecidos pelos seus posicionamentos ultraconservadores.

Algo pertinente para o qual Aguiar (2020a) chama a atenção é que essa disputa cristã no campo da cultura não é algo exclusivo da Teologia do Domínio, vide o caso da ONG *Youth With a Mission* (YWAM), criada em 1960 nos Estados Unidos e conhecida no Brasil como Jovens Com Uma Missão (JOCUM). O grupo tem como objetivo uma imersão em vários segmentos da sociedade, com o propósito de transformar esferas como a religião, a família, a educação, a arte, a economia e política.

Fazendo uma reflexão em um nível mais macro sobre o campo religioso brasileiro, o texto da antropóloga Livia Reis (2023) apresenta elementos importantes para pensar a disputa pública em torno de uma *cultura cristã*, ou seja, uma moral cristã, que tem sido mobilizada por determinados atores sociais em detrimento de outras expressões culturais. A autora observa que, nas últimas décadas, há uma crescente adesão a um movimento de disputa cultu-

---

<sup>6</sup><https://dunamismovement.com/>. Acesso novembro 2024.

<sup>7</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/06/18/the-send-no-brasil-conheca-o-coletivo-de-missionarios-que-deve-levar-80-mil-webcrentes-ao-estadio-do-morumbi.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2021.

<sup>8</sup>Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/saiba-o-que-e-o-the-send-movimento-ultraconservador-dos-eua-que-damare-trouxe-ao-brasil/>. Acesso em: 15 set. 2021.

ral protagonizado por setores da extrema direita, fortemente vinculados a grupos evangélicos e católicos.

Um ponto central do texto é a análise de como as igrejas evangélicas que apoiaram e ainda apoiam a figura de Jair Bolsonaro desqualificam aquilo que definem como *cultura secular* e *cultura mundana*, frequentemente associadas às expressões culturais afro-brasileiras e à produção artística de pessoas alinhadas à *esquerda*. Embora Livia Reis (2023) não aborde diretamente a Teologia do Reino ou a Teologia do Domínio, sua análise revela como esses grupos religiosos buscam disputar e redefinir o que pode ser reconhecido como uma cultura legítima. Sendo assim, o que está em jogo é uma visão de cultura que desconsidera a diversidade, promovendo a imposição de um padrão cultural e moral específico.

Nos anos em que acompanhei a Igreja A Ponte, pude identificar nos cultos e eventos um discurso que trazia algo muito próximo do termo *cultura do Reino*. Em um culto que acompanhei de forma *online* pelo canal do *YouTube*<sup>9</sup> da igreja, termo como *cultura do Reino de Deus* foi utilizado na pregação. Sendo assim, observar como os autores destacam esse termo e sua expansão em igrejas evangélicas ou em grupos paraeclesiais ajuda a compreender os sentidos em que *cultura* aparece na Ponte.

## A IGREJA PONTE E O DIÁLOGO COM A “CULTURA”

A Ponte foi inaugurada em novembro de 2014 por um grupo de amigos evangélicos no bairro do Recife Antigo, na cidade do Recife. Nos anos seguintes, com o aumento do número de frequentadores, uma nova unidade foi aberta na capital pernambucana, no bairro de Boa Viagem. Ao longo do tempo, outras unidades foram estabelecidas em diferentes cidades e estados. Até onde pude acompanhar, a Ponte possui unidades em Natal (Rio Grande do Norte), Fortaleza (Ceará), Belo Horizonte (Minas Gerais) e Caruaru (Pernambuco). No final de 2022, também foi anunciada a abertura de uma unidade internacional, em Quebec, no Canadá. Para este artigo, analiso apenas os dados referentes às igrejas da Ponte em Recife, pois foram as que acompanhei tanto presencialmente quanto virtualmente.

Os cultos da Ponte em Recife ocorrem todos os domingos: no Recife Antigo, há cultos às 10h e às 17h, enquanto em Boa Viagem os horários são 9h30, 16h, 18h e 19h45. Nos cultos

---

<sup>9</sup>Culto sobre cultura, proferido em 23 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dqx5FdxKhGI>. O vídeo foi privado pelos proprietários do canal, porém, na época em que estava disponível, salvei o *link*, bem como fiz o *download* dele para uma análise posterior.

matinais, além dos momentos de louvor e pregação, há um momento chamado *Alicerce Dominical*, semelhante ao que algumas igrejas evangélicas denominam de *Escola Dominical*. Nesse momento, os participantes são divididos em grupos conforme a faixa etária e, em alguns casos, por gênero. A igreja também promove culto de oração, que ocorrem as terças-feiras. Em uma reportagem de 2017 <sup>10</sup>, um dos pastores fundadores da igreja afirmou que, aos domingos, a média de público nos cultos era de aproximadamente 1.300 pessoas, considerando a soma dos três cultos realizados na época. Atualmente, a Ponte realiza seis cultos, o que sugere um aumento no número total de frequentadores.

Como já citado, frequentei majoritariamente os cultos no Recife Antigo, tanto no período da manhã quanto no final da tarde. A estrutura da celebração segue um formato comum em igrejas evangélicas, iniciado com um período de louvor, em seguida ofertório, oração, e também um momento de avisos. Nesse momento, são utilizados recursos audiovisuais para apresentar eventos da igreja, depoimentos de membros e também relatos de pessoas atendidas por projetos sociais da igreja. Por fim, ocorre a pregação, conduzida por um pastor. A Igreja Ponte não ordena mulheres como pastoras, embora elas ocupem posições de liderança em alguns grupos (ministérios).

Assim como em diversas igrejas evangélicas, há grupos de sociabilização, encontros específicos e cultos voltados para diferentes públicos. Na Ponte, esses grupos recebem nomes próprios: *Atelier* é destinado às mulheres, *Oficina* aos homens, *Vila* aos casais heterossexuais, *Pontezinha* às crianças, *Toca* aos adolescentes e *Estação* aos jovens maiores de 18 anos. Todos esses grupos são concebidos pela Igreja como *ministérios*. Além disso, existem os Grupos de Relacionamento (GR), que acontecem fora do ambiente da igreja e são organizados por região da cidade e Região Metropolitana do Recife, como exemplo, existe o GR Zona Sul, GR Zona Norte, dentre outros. Esses encontros se assemelham às *células*, algo característico em algumas igrejas evangélicas, que consiste em um momento de reunião para oração, louvor e conversas.

O estilo de culto adotado pela Igreja Ponte vem se destacando entre as igrejas evangélicas brasileiras, especialmente entre os jovens cristãos. Popularmente e jocosamente cha-

---

<sup>10</sup><https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2017/05/a-ponte-para-um-mundo-melhor.html>. Acesso em fevereiro de 2025.

madras de *igrejas da parede preta* ou *culto worship*<sup>11</sup>, essas congregações incorporam elementos contemporâneos de som, música, ambiente e linguagem, conforme destacado pelos estudos de Cristina Rocha (2016) e Taylor Aguiar (2020a).

Por vezes, a Igreja Ponte se apresenta como uma igreja contemporânea, algo que ouvi diretamente de alguns pastores nos cultos e nas suas redes sociais. Justificam essa característica a partir da estética de culto, da organização de seus eventos e do próprio diálogo com a *cultura*. Em minhas análises, percebi que, em certos momentos, a Ponte se distancia do imaginário nacional que associa os evangélicos à uma rigidez moral, ao permitir, por exemplo, o consumo de bebida alcoólica<sup>12</sup>, a ausência de códigos de vestimenta e a participação ativa de pessoas tatuadas em posições de liderança, como é o caso de alguns pastores da Igreja. No entanto, enquanto essas questões não parecem representar um problema, temas como a liberdade do corpo feminino e a diversidade sexual aproximam-se de uma *não autorização* religiosa, especialmente no contexto das pautas conservadoras defendidas por setores mais tradicionais dos segmentos evangélicos.

Um ponto controverso em relação à Igreja Ponte e sua autodefinição como contemporânea é que, em meu entendimento, algumas de suas práticas discursivas reiteram valores conservadores. Nos anos em que acompanhei a igreja, identifiquei momentos em que discursos conservadores se fizeram presentes. Em um culto dedicado à oração pela família<sup>13</sup> - sendo ela concebida como cisgênera e heterossexual -, um dos pastores expressou sua oposição à legalização do aborto na Argentina e alertou sobre a possibilidade de que o mesmo ocorresse no Brasil. Ele argumentou que muitos crentes passaram a considerar essas questões normais, mas que o *normal* do mundo deveria ser motivo de grande apreensão. Em outra ocasião, o mesmo pastor classificou a homossexualidade<sup>14</sup> como pecado, e destacou que, assim como o sexo antes do casamento e outras práticas, ela seria algo abominável para Deus. Ele enfatizou que a igreja não poderia compactuar com as influências do *mundo*, sendo necessário combatê-las.

---

<sup>11</sup>A noção de *worship* é problematizada por Aguiar (2020a,2020b), existindo ambivalências do termo, podendo ser uma referência a um estilo musical, mas também uma estética de adoração.

<sup>12</sup>Frequentando os cultos, me deparei com a retórica de que o consumo de bebida não seria pecado, mas sim a embriaguez.

<sup>13</sup>Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hesOV1mFNBo>. Acompanhei esse culto de forma virtual. Acesso em 30/03/2021.

<sup>14</sup>Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QPpXuKORmos>. Acompanhei esse culto de forma virtual. Acesso em 22/12/2022.

Pontuo que na Igreja Ponte existem, sim, inovações, sobretudo o que é evidenciado na estética adotada, o discurso cultural acionado em alguns cultos e eventos, bem como nos elementos de uma linguagem contemporânea atrativa à juventude evangélica. Entretanto, concordo com a indicação de Magali Cunha (2007) sobre algumas inovações evangélicas consistirem em *vinho novo em odres velhos*, ou seja, a presença de práticas que entrecruzam aspectos da modernidade e da tradição, mas que não representam um modo de vida novo.

No argumento que estou construindo, me dedicarei a apresentar ao leitor duas formas como o discurso sobre *cultura* se manifesta na igreja. Destaco, em particular, o culto do *arco da cultura* e as conexões diretas com a Missão *Steiger*. Posteriormente, uso esses dados para pensar que a noção de *cultura* empreendida na Ponte se alinha ao conceito de secularismo estratégico proposto por Engelke (2009, 2013).

Como já explicitado no início do artigo, para a Ponte, o *arco da cultura* seria um dos três arcos<sup>15</sup> que dá suporte ao Evangelho. Em uma *live*, transmitida no *Instagram* em meados de agosto de 2019, para a divulgação do evento anual denominado *Praça* (projeto que já foi noticiado pela mídia local e pela própria igreja como *virada cultural*<sup>16</sup>), um dos pastores<sup>17</sup> afirmou que “a cultura é algo relevante e precisa ser vivida”. Segundo ele, algumas igrejas demonizam, mas era preciso entender que “a igreja pode conversar com a cultura”.

Em agosto de 2020, a Ponte lançou a série de cultos intitulada *De Volta para Casa*. Essa série<sup>18</sup> marcou a retomada dos cultos presenciais após a liberação do estado de Pernambuco, que permitiu o retorno das atividades nos templos religiosos, ainda que com as medidas de prevenção contra a COVID-19. Para essa ocasião, a Ponte preparou mensagens especi-

---

<sup>15</sup>Os outros arcos são serviço e relacionamento. O arco do serviço abrange, basicamente, os grupos que oferecem suporte aos fiéis e visitantes, além das ações sociais realizadas pela igreja. A Igreja Ponte desenvolve iniciativas sociais em bairros periféricos próximos de suas unidades no Recife Antigo e em Boa Viagem. Já o arco do relacionamento refere-se, de forma resumida, às relações interpessoais entre os fiéis da igreja. Na narrativa dos pastores da igreja é indicado que com o “arco da cultura”, esses dois arcos, dão suporte ao Evangelho.

<sup>16</sup>Ver em: <http://g1.globo.com/pernambuco/videos/v/igreja-presbiteriana-a-ponte-promove-virada-cultural/6314924/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

<sup>17</sup>A Igreja conta com mais de um pastor, que se revezam nas pregações nas unidades do Recife. Durante o período em que acompanhei a igreja (2020-2023), haviam três pastores centrais, embora um deles tenha se desligado da igreja posteriormente. Em uma rápida pesquisa realizada em 2024, identifiquei que a igreja agora possui cinco pastores, dos quais dois se destacam como os principais, por serem figuras presentes desde a fundação da Igreja.

<sup>18</sup>Às vezes, a Ponte anuncia que, em determinado mês, irá abordar um tema específico, desenvolvendo em cada culto um aspecto desse tema. Eles chamam esse conjunto de série, adotando a linguagem e a ideia do universo audiovisual, em que semanalmente os “episódios” compõem a narrativa.

ais focadas nos três arcos da igreja: relacionamento, serviço e cultura. Assim, neste tópico, apresento ao leitor o culto dedicado ao *arco da cultura*<sup>19</sup>.

No início do culto, o pastor destacou que os arcos propostos pela igreja refletem sua identidade e servem como pilares para a pregação do evangelho. Ele observou que, em Recife, *cultura* é frequentemente associada a festas populares como o Carnaval e o São João, mas enfatizou que, para a igreja, o conceito vai além dessas manifestações, abrangendo a consciência e a criação de uma nova *cultura*. Conforme ele, esse processo envolve um diálogo com o *mundo real* e com as pessoas da atualidade, onde se reforça o compromisso da igreja em pregar o evangelho.

O pastor explicou que o *arco da cultura* possui duas vertentes: a dialogal e a de aprofundamento. Ele ressaltou que a vertente dialogal é essencial para a interação com a cultura, e mencionou iniciativas como eventos como a Praça<sup>20</sup>, que já receberam apresentações artísticas de pessoas renomadas de Pernambuco, e ações como *flashdays* de tatuagem. O objetivo desse caráter dialogal, segundo ele, é “diminuir a distância entre nós e o mundo secularizado, que muitas vezes rompeu com a igreja, ou pior, a igreja rompeu com o mundo”. Ele também observou que esse diálogo exige maturidade e discernimento, já que a interação com a *cultura* requer responsabilidade.

Ao utilizar o Carnaval como exemplo para ilustrar a maturidade necessária no diálogo com a *cultura*. O pastor argumentou que, todos os anos, o conselho da igreja orienta os fiéis sobre a participação na festa, pois a reconhece como um ponto sensível na cultura pernambucana. Segundo o pastor, devido à estética contemporânea da igreja, alguns podem questionar se é adequado participar do Carnaval, já que a igreja incentiva o diálogo com a *cultura*. No entanto, ele enfatizou que esse diálogo requer maturidade e responsabilidade, pois os fiéis precisam enfrentar diversas situações e responder de maneira coerente, em que conhecedores da palavra de Deus devem decidir por si mesmos se suas ações estão em conformidade com o Evangelho.

---

<sup>19</sup>Acompanhei esse culto de forma virtual em 23 de agosto de 2020. O culto foi transmitido pelo canal do *YouTube* da igreja e ficou disponível por um período, mas atualmente o vídeo foi privado por quem gerencia o canal. <https://www.youtube.com/watch?v=Dqx5FdxKhGJ>. Acesso em: 23 de agosto 2020.

<sup>20</sup>Evento anual, concebido pela mídia local e pela Igreja como uma virada cultural, sobre detalhes sobre esse evento verificar Silva (2023).

Por outro lado, elementos do Carnaval são celebrados pela própria igreja, como no evento em que o Maestro Spok<sup>21</sup> tocou frevo, e as pessoas cantaram com entusiasmo uma música popular do Carnaval<sup>22</sup> pernambucano: “Voltei, Recife, foi a saudade que me trouxe pelo braço, quero ver novamente vassouras na rua abafando, tomar umas e outras e cair no passo”. No entanto, no culto descrito acima o pastor, em suas falas, enfatiza a necessidade de cautela por parte dos fiéis ao participarem dessa festividade.

Para compreender melhor sobre essa tensão, recorro a Talal Asad (2010, p. 272), que aponta que a prática religiosa é moldada por discursos que autorizam algumas práticas e desautorizam outras. Nesse sentido, ainda que o fiel possua autonomia, há diretrizes implícitas que orientam o que deve ou não ser feito. O diálogo com a *cultura*, então, revela uma distinção clara entre o que é validado pela igreja e o que é desencorajado, sinalizando a presença de orientações, ainda que sutis.

Essa regulação discursiva não se limita aos cultos presenciais. Nas postagens no *Instagram* da igreja, observei perguntas com respostas pré-definidas no recurso de perguntas com alternativas no *story* do aplicativo, algo parecido com enquetes, sugerindo que a interação do cristão com a *cultura* deve se dar por meio do diálogo. Porém, em uma dessas respostas, a igreja ressalta que esse diálogo tem limites, pois, conforme a instituição, nem tudo o que a *cultura* oferece está em harmonia com a fé cristã. Esses elementos evidenciam como a Ponte direciona o que os fiéis devem ou não aceitar, prolongando as autorizações e desautorizações para além do espaço físico do culto.

Aqui trago a noção de *estética da persuasão* da antropóloga Birgit Meyer (2018), que ajuda a entender como os discursos religiosos não apenas convencem de maneira racional, mas também moldam a experiência sensorial e emocional dos fiéis, oferecendo uma percepção particular da realidade. Para Meyer (2018, p. 37), essas práticas discursivas reforçam constantemente a *verdade* e a *realidade* das sensações vividas pelos fiéis. Com isso, tanto os discursos do pastor quanto as postagens da igreja atuam como formas de persuasão estética, que orientam os fiéis sobre como devem *ser no mundo* e estabelecem fronteiras claras entre o que pode ou não ser absorvido da *cultura*.

Observei que nos cultos é constantemente reiterado que os fiéis devem *ser ponte na vida das pessoas*, reforçando um modo de ser no mundo que é tanto individual quanto co-

---

<sup>21</sup> Saxofonista reconhecido como uma das principais figuras do frevo pernambucano.

<sup>22</sup> Pode ser visto em: <https://globoplay.globo.com/v/6314924/?s=0s>. Acesso em: 4 jan. 2023.

munitário. Esse elemento discursivo, repetido em diversas ocasiões, destaca como a Ponte não apenas autoriza ou desautoriza práticas, mas também oferece uma visão de mundo e de interação com os outros, que precisa ser seguida pelos fiéis.

Nos minutos finais do culto de agosto de 2020, após apresentar o *arco da cultura*, o pastor leu uma passagem do Novo Testamento que descreve os seguidores de Cristo como o *sal da terra*. Ele destacou que os cristãos têm a missão de não se corromper e de serem exemplos de pureza e moralidade em um país marcado pela corrupção, especialmente num contexto onde o *jeitinho brasileiro* é comum. Viver de acordo com uma *cultura cristã* implica rejeitar esses padrões mundanos, sendo referência de integridade e verdade. O pastor enfatizou que a prática do Evangelho deve ocorrer não apenas aos domingos, mas diariamente, em todas as áreas da vida, influenciando o ambiente ao redor como sinal do Reino de Deus. Por fim, ele argumentou que a *cultura* e a lógica do Reino de Deus são totalmente opostas àquelas do mundo em que eles vivem. Embora estejam inseridos nesse mundo, não pertencem à sua *cultura secularizada*: são um povo imerso na realidade, mas guiado por princípios diferentes.

Até este ponto, podemos identificar diferentes sentidos atribuídos ao termo *cultura* na Igreja Ponte. Compreendo que, em algumas ocasiões, esse termo é utilizado para demarcar uma separação entre a *cultura do mundo* e a *cultura cristã*, sendo esta última vista como moralmente superior e capaz de orientar aqueles que não seguem a Cristo. Sendo assim, a *cultura do Reino* representa um conjunto de valores e práticas que os fiéis são incentivados a adotar, conforme ressaltado por Rosas (2015), que aponta que a Teologia do Domínio, promovida pelo Diante do Trono, segue essa lógica de estabelecer uma moralidade cristã. No culto analisado, o pastor também menciona a *cultura do Reino*, sublinhando a necessidade de os fiéis transmitir esses valores. Em sua pesquisa, Aguiar (2020a) discute como a *cultura do Reino* é acionada discursivamente nos cultos da Brasa Church, enfatizando um posicionamento categórico em relação à *cultura*. Segundo Aguiar, essa posição é transformacionista, visando a mudança da *cultura do mundo* a partir dos princípios da *cultura do Reino*, conforme ele:

a influência cristã deve ser gradual e microscópica, envolvendo a imersão estratégica dos princípios cristãos em diferentes esferas da sociedade. Assim, a cada fiel é atribuída a incumbência sagrada de atuar na transformação da “cultura”, conforme o lugar que ocupa na sociedade. Para que essa influência tenha efeito cultural, deve estar presente em todos os setores, desde a família e a religião até o governo, a economia, a educação, a mídia e as artes (Aguiar, 2020a, p. 102).

A partir das análises do culto do *arco da cultura*, percebo semelhanças com o que Nina Rosas (2015) e Taylor Aguiar (2020a) argumentam. Na Ponte, o conceito de *cultura do Reino* sugere que os fiéis devem fazer a diferença no mundo, estendendo sua influência além das práticas religiosas dentro da igreja, alcançando outros aspectos da vida cotidiana. Nesse sentido, é relevante observar que o conceito de *cultura do Reino* não é exclusivo da Ponte. Outras igrejas evangélicas ou agentes evangélicos também acionam essa ideia de transformação moral da *cultura do mundo*, buscando expandir essa mudança para várias esferas da vida, como observado por Paula Montero (2018), ao apontar para uma prática religiosa que vai além da relação igreja x fiel.

Nesse contexto, recorro à noção de *cultura pública* evangélica, conforme discutida por Giumbelli (2013), em que penso que oferece uma perspectiva complementar à ideia de *cultura do Reino*. Segundo Giumbelli, os evangélicos, em vez de se apoiarem em tradições ou histórias estabelecidas, voltam-se para o futuro, buscando criar uma nova presença em diversas esferas da sociedade. Esse projeto envolve visibilidade pública em eventos, política e artes, o que ressoa com a lógica de transformação gradual proposta pela *cultura do Reino*. Assim, penso ser possível considerar que a *cultura do Reino* possa fazer parte de um esforço maior para estabelecer uma cultura pública evangélica, que não só influencia os fiéis, mas também visa modelar outras áreas da vida social com novos referenciais morais.

O que Giumbelli (2013) indica é que os modos de presença pública dos evangélicos de certa forma rechaçam a ideia de participação na constituição do povo brasileiro. Nos dias atuais, me parece ser evidente que cada vez mais os evangélicos estariam mais atentos e reivindicando as suas contribuições na constituição da ideia de nação, algo discutido em Izabella Bosisio (2018), Renata Menezes e Lucas Bártolo (2019), Lívia Reis e Rodrigo Toniol (2021) e Lívia Reis (2023).

## **MISSÃO STEIGER E A IGREJA PONTE: UM SECULARISMO ESTRATÉGICO?**

Neste tópico apresento as articulações entre a Igreja Ponte e o grupo evangelístico *Steiger*, com base em dados coletados virtualmente, a partir de *podcasts* e transmissões de cultos que destacaram essa relação. Evidencio essas interações, uma vez que um dos focos da *Steiger* é evangelizar os jovens compreendendo sua *cultura*, e assim, conforme eles, fazer uma evangelização ousada e criativa em uma *realidade secular*.

A Missão *Steiger* teve origem em Amsterdã, nos Países Baixos, em 1983, como um grupo de estudo bíblico criado por David e Jodi Pierce, inicialmente voltado para evangelizar punks e anarquistas da cidade. Com o tempo, David Pierce formou a banda *No Longer Music* (NLM), que, de acordo com o site da missão, foi usada como uma forma de comunicar o Evangelho a jovens que não frequentavam igrejas e não demonstravam interesse por elas. A banda acabou impulsionando o crescimento do movimento, e em 2003, os fundadores criaram a *Steiger Missions School*, uma instituição que tem como objetivo preparar e formar missionários para alcançar a *cultura jovem* ao redor do mundo. Em 2018, a missão se expandiu com a criação dos *Steiger City Teams*, equipes dedicadas à evangelização em centros urbanos, como Recife, Pernambuco, que hoje conta com seus próprios representantes – esses com ligações diretas com a Igreja Ponte.

O que a *Steiger* propõe? Segundo um vídeo de apresentação no *YouTube* da *Steiger*<sup>23</sup>, a organização se vê como uma missão voltada para alcançar e discipular a *cultura* global da juventude. No vídeo, é afirmado que a *cultura jovem* atual é mais conectada, mas também mais solitária, enfrentando problemas como depressão, ansiedade e suicídio, enquanto rejeita a igreja por considerá-la irrelevante e nega a existência de uma verdade absoluta. O narrador questiona: “Como levar o Evangelho de Cristo para uma juventude com visão negativa de Deus?” e “Como comunicar o amor de Cristo em uma linguagem acessível?”. A resposta apresentada é que a *Steiger* mobiliza seguidores de Jesus para alcançar jovens que nunca estariam em uma igreja, conectando-se com a *cultura jovem*. As *Steiger City Teams*, espalhadas em mais de 100 cidades no mundo, seria uma força catalisadora para envolver-se com a *cultura secularizada*, tendo quatro objetivos principais. Dentre esses objetivos, destaco o que eles indicam como transformar a *cultura* estando presente, através de uma evangelização ousada e criativa em uma *realidade secular*.

Ao acompanhar os cultos e os eventos da Ponte de forma virtual em meados de 2021, identifiquei essa interação direta da igreja com a *Steiger*. Tais interações se deram sobretudo relacionadas com o Ministério de Jovens e Adolescentes da igreja, chamado por eles de Toca. Dentre as ações, chamo a atenção para três momentos: 1) Um *workshop* oferecido pela igreja e pela *Steiger* em 2022; 2) A presença e a preleção de Luke Greenwood — diretor da *Steiger*

---

<sup>23</sup>Disponível em: <https://youtu.be/UGp8VZckx-A>. Acesso em: 13 jan. 2023.

Europa — em um culto do Ministério de Jovens e Adolescente; e 3) Um *podcast*<sup>24</sup> da igreja do qual o casal responsável pela *Steiger* Nordeste participou e conversou sobre missões urbanas.

Em setembro e outubro de 2021, a Ponte promoveu encontros que chamou de *workshop* de evangelismo, no qual ocorreram capacitações sobre evangelização nas ruas. Os encontros em questão foram divulgados no *Instagram* da Toca<sup>25</sup>. Nas postagens era indicado que se tratava de uma parceria com a *Steiger*, com a participação do líder do polo *Steiger* Nordeste. Nas postagens de divulgação, é vista uma argumentação de que era preciso levar o Evangelho de Cristo de forma relevante e conectada com a *cultura*, como também as indicações de que eles acreditam que Deus queria usá-los para espalhar a salvação nos jovens da cidade, e isso seria uma forma de cumprir a principal missão deles, que é pregar o evangelho. O *workshop* teve três encontros, um culto do Ministério de Jovens e Adolescentes<sup>26</sup> com a preleção do líder da *Steiger* Nordeste e, após isso, culminou em uma evangelização em um ponto da cidade do Recife. O local escolhido foi o Parque Dona Lindu, localizado no bairro de Boa Viagem, área considerada de classe média e turística.

Como dito, não foi apenas nessas ocasiões que as interações entre a *Steiger* e a Ponte se sucederam, destacando-se também a participação do já mencionado líder europeu do movimento, Luke Greenwood. A sua presença se deu em um encontro dividido em dois momentos, um para responder a perguntas junto ao casal de líderes da *Steiger* do Recife e do Nordeste<sup>27</sup> e, posteriormente, com uma pregação de Greenwood<sup>28</sup>. Ambos os momentos foram transmitidos pelo canal do *YouTube* da igreja.

No debate mediado pelo líder da Toca<sup>29</sup>, Luke Greenwood, explicou a missão do movimento: alcançar a “cultura jovem global”, que para ele se caracteriza pela partilha de conteúdos e ideias semelhantes em várias partes do mundo, mas que negligencia questões religiosas. Segundo Greenwood, para alcançar esses jovens, é necessário pregar o Evangelho em locais públicos, criando relações de discipulado e convidando-os para uma comunidade de fé. O casal responsável pela *Steiger* no Recife destacou que a evangelização envolve o apoio às igrejas locais. Após evangelizarem nas ruas e passarem pelo processo de discipulado, as pes-

---

<sup>24</sup>Disponível em: [https://youtu.be/WFDIWPnz\\_JM](https://youtu.be/WFDIWPnz_JM). Acesso em: 13 jan. 2023.

<sup>25</sup>Disponível em: <https://www.instagram.com/entranatoca/>. Acesso em: 13 jan. 2023.

<sup>26</sup>Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iBJ98yZkmp4&t>. Acesso em: 13 jan. 2023

<sup>27</sup>Pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=m4W8InyTPc4>. Acesso em: 14 jan. 2023.

<sup>28</sup>Pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=s2-hzCDyhFE>. Acesso em: 14 jan. 2023.

<sup>29</sup>O líder da Toca – Ministério de adolescente – também é um dos pastores da igreja Ponte, foi instituído como pastor da igreja em 2022.

soas são convidadas a se integrar a uma igreja. O casal exemplificou o caso de uma amiga que não era cristã e após participar de estudos bíblicos promovidos por eles, foi convidada a frequentar a Ponte, onde gostou, se batizou e se tornou membro da igreja.

A narrativa desse encontro destacou que a evangelização da *Steiger* propõe uma abordagem diferente da tradicional: antes de trazer as pessoas para a igreja, é necessário encontrá-las em seus contextos culturais. O líder da *Steiger* Nordeste comentou que aprecia o rap e utiliza esse gênero como uma ponte para falar de Jesus, identificando pontos em comum. Para ele, é essencial ser autêntico em relação ao que essas pessoas consomem da *cultura*, mas com um olhar de redenção, transformando isso em um meio para anunciar o Evangelho.

Para complementar o debate, o líder da Toca — Ministério de Jovens e Adolescentes — citou um ensinamento bíblico do apóstolo Paulo sobre a santificação das coisas. Usando o pagode como exemplo, ele argumentou que, embora houvessem muitos *problemas* dentro dessa cena musical, uma pessoa redimida pelo Espírito poderia discernir e santificar o ambiente, participando da cena e pregando, sem precisar abandonar o pagode. Seguindo essa linha de pensamento, Luke Greenwood ressaltou que, para alcançar as pessoas hoje, é necessário começar ouvindo, entender como elas se sentem, e só então estabelecer conexões.

Por fim, o líder da Toca comentou que esse debate refletia o que eles queriam transmitir aos adolescentes e jovens do ministério. Ele explicou que o tema anual da Toca seria *No mundo*, e destacou que, embora não sejam do *mundo*, eles estão aqui e querem se arriscar, estar presentes na faculdade, no colégio, na rua, em ambientes onde normalmente não estariam. O líder, de forma retórica, questionou: “muitas vezes as pessoas não querem entrar na igreja, mas será que os crentes iriam a lugares onde normalmente não estariam?”. Segundo ele, é preciso estar nesses espaços para pregar o Evangelho.

Nesse contexto, pondero que a Missão *Steiger* é um exemplo de organização cristã que busca evangelizar a juventude usando termos como alcançar, discipular e transformar, e assim insere a *cultura* como um campo de disputa por agentes religiosos, conforme argumentam Livia Reis e Rodrigo Toniol (2021) e Reis (2023). A necessidade de adaptar a linguagem e encontrar pontos comuns entre o sujeito e o evangelho me remete às observações de Engelke (2013). Segundo ele:

embora seja verdade que os cristãos se empenhem em falar como cristãos e incentivem outros a fazer o mesmo, já vimos que os agentes de Deus nem

sempre fazem – ou podem fazer – esses investimentos. Uma das principais lições da Bible advocacy é que, em certos momentos e contextos, pode ser necessário que os cristãos não soem ou aparentem ser cristãos, pois isso pode dificultar o tipo de trabalho público que pretendem realizar. Às vezes, precisam soar como Bobby McFerrin. Esse é, frequentemente, o sentido de levar o Evangelho às pessoas, em vez de esperar que elas venham até ele (Engelke, 2013, p. 66, *tradução nossa*).

Sendo assim, compreendo que, por vezes, esse afastamento de uma imagética do que seria ser evangélica/o ou cristão pode sinalizar uma flexibilização de uma identidade cristã arraigada no imaginário social brasileiro. Aproximar-se de elementos culturais pode ser uma estratégia eficaz para evangelizar. Como visto em alguns momentos dos debates apresentados nestes tópicos, essa aproximação à *cultura jovem* – ou, no caso da Ponte, o diálogo com a *cultura local* – parece ser uma ferramenta que esses grupos utilizam para levar o Evangelho de um modo diferente. Para eles, é necessário adotar uma linguagem inteligível e atual, que dialogue com o modo de vida do outro, para que ele possa conhecer Jesus e, assim, ser *transformado*. Em uma conversa com um líder da igreja Ponte, ele me disse:

Como é que eu vou chegar numa comunidade, numa favela pra falar de Cristo, se eu não me misturar com eles? Como é que eu vou falar com um tatuado, para um roqueiro? Então, eu tenho que me juntar com eles, tenho que dialogar com eles, falar com eles de uma forma que eles me entendam. E fazer com que eles compreendam que eu estou entendendo tudo aquilo que eles estão passando, o que eles vivem. Assim, eu acho que o diálogo é isso, é trazer pra perto, é conversar, e nenhum momento a gente abre mão daquilo que a gente é. Porque a galera tradicional acha que a gente tá trazendo o que é do “mundo” pra dentro da igreja. A gente não quer expulsar ninguém, a gente quer tentar conversar com eles, entender e mostrar pra eles que o Evangelho pode tá ali também. E como eu falei, a transformação quem faz é Cristo, no tempo Dele, mas a gente primeiro tem que se aproximar das pessoas pra gente poder ganhar confiança e aí deixar Cristo fazer o resto (Entrevista com Cleiton, dezembro 2022).

Como visto na fala de Cleiton, é preciso conhecer e dialogar com a *cultura* do outro para entender outras vivências, levar o evangelho, ganhar sua confiança, e assim gerar uma *transformação*. Até aqui, entendo que o conceito de secularismo estratégico apresentado por Engelke<sup>30</sup> (2009, 2013) serve como um complemento para entender as dinâmicas aqui descri-

---

<sup>30</sup>“O secularismo estratégico, portanto, é o uso de sujeitos e objetos seculares como parte de uma agenda religiosa abrangente. O secularismo estratégico é um processo pelo qual organizações como a Bible Society utilizam a linguagem e as ferramentas de um outro ostensivo. Trata-se de uma estratégia de abarcamento que não busca negar a história da diferenciação, ao contrário, busca moldar a direção para a qual essa diferenciação aponta. Isso não é uma teleologia de 'Deus está morto', mas sim uma teleologia cristã de presença divina revelada de

tas. Segundo o autor, esse secularismo estratégico envolve o uso de sujeitos e objetos *seculares* como parte de uma agenda religiosa, em um processo em que agentes religiosos utilizam a linguagem e ferramentas do não religioso. Dessa forma, o secular e o religioso se constituem mutuamente como elementos estratégicos de transformação social.

Sendo assim, parece profícuo compreender que, na Ponte, essas categorias devem ser entendidas como relacionais, com atenção ao que o campo indica como secular e religioso, ou melhor, como a igreja define o que é *do mundo* e *do evangelho*. Essa compreensão pode auxiliar na análise do que a igreja chama de diálogo, pois a proposta da Ponte em seu *arco da cultura* é precisamente dialogar, o que pressupõe a existência de elementos com um caráter relacional.

Assim, o diálogo com a *cultura* também se configura como uma estratégia. É necessário conhecer e compreender as formas de vida do outro para que uma comunicação efetiva exista, permitindo a transmissão do Evangelho de Deus. Neste contexto, a visão de Engelke sobre a *estratégia secular* pode ser útil para entender as práticas da Ponte. Por vezes, elementos que podem ser concebidos como *coisas do mundo* são acionados pela igreja como uma forma de aproximação para levar a Palavra de Cristo. Conforme visto na fala de Cleiton, essas interações não querem dizer que a igreja está negociando seus valores, algo também argumentado em Engelke (2013), ou seja, a linguagem cristã pode mudar, mas isso não se refere a uma degradação da fé.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, busquei compreender como a categoria *cultura* é articulada nos cultos e eventos promovidos pela Igreja Ponte. Meu objetivo foi avaliar se o que observei na Ponte pode ser um exemplo das estratégias empregadas pelos evangélicos na esfera da cultura. A análise considerou a perspectiva de Aguiar (2020b) e Giumbelli (2014), que apontam que os evangélicos não rejeitam a noção de cultura, mas a mobilizam de maneiras distintas. Ao longo deste artigo, demonstrei como a Igreja Ponte operacionaliza esse conceito.

---

outra forma. Existem, então, alguns cristãos na Inglaterra para os quais a secularização não é necessariamente uma palavra suja. Para eles, o secular e o religioso são mutuamente constitutivos, não apenas como categorias e conceitos, mas como elementos em estratégias de transformação social” (Engelke, 2009, p. 52-53, *tradução nossa*).

Seguindo Giumbelli (2021), que sugere a necessidade de investigar os sentidos em que a cultura é mobilizada pelos sujeitos, observei que, na interação entre a Ponte e *Steiger*, o termo adquire significados próprios para esses agentes religiosos. Identifiquei que a *cultura* é percebida como um espaço compartilhado entre jovens, cujo entendimento é essencial para evangelizar e discipular. Nesse contexto, a evangelização é vista como uma forma de conquistar essa cultura e santificá-la.

Minhas observações revelam que a concepção de *cultura* na Ponte se afasta da perspectiva antropológica. Embora se reconheçam diferentes formas de vida, a igreja frequentemente promove um modo de existência específico ao idealizar uma cultura cristã como o padrão a ser seguido. Os cultos e eventos utilizam a noção de cultura de forma ornamental. Para expandir sua atuação, a Ponte adota linguagens e expressões culturais *seculares* — ou do *mundo* — como estratégia de evangelização. No entanto, não há disposição clara para reconhecer subjetividades sem julgamentos morais, tampouco para relativizar a ideia de que não existe uma única forma ideal de ser. Ao contrário, é reafirmado que o modelo de vida ideal é o cristão, que deve ser vivido e disseminado para outros espaços e pessoas *no mundo*.

Ampliando essa discussão para um contexto mais macro, autores como Sant’Ana (2013), Bosisio (2018), Menezes e Bártolo (2019), Reis e Toniol (2021) e Reis (2023) apontam para disputas em torno da construção de uma identidade cristã que busca legitimidade na definição da *cultura brasileira*. Embora esses autores enfoquem a atuação pública dos evangélicos no campo da cultura, proponho a pensar que os discursos da Igreja Ponte — assim como os da Brasa Church (Aguiar, 2020a, 2020b) e do ministério Diante do Trono (Rosas, 2015) — também contribuem para a discussão sobre a presença evangélica no espaço público. Como visto, na Ponte a ideia de ser o *sal na terra* não se restringe aos cultos dominicais, mas é estendida para outras esferas da vida, que reforça uma narrativa de *transformação social cristã*.

Seguindo essa linha de pensamento, entendo que a noção de *cultura pública evangélica* proposta por Giumbelli (2013) fornece uma base para entender esse movimento de participação pública dos evangélicos, no qual o campo cultural se destaca como um espaço a ser conquistado e reivindicado como uma área viável de atuação evangélica. Minha hipótese é que discursos alinhados à teologia da dominação — ou teologia do Reino — fortalecem um movimento crescente de disputa por narrativas e legitimidade, como sugerem os autores citados. Em suma, me parece que agentes evangélicos estão se munindo da *arma da cultura*

(Mafra, 2011) para disputar a legitimidade de uma narrativa que projeta o Brasil como uma nação moralmente cristã.

## REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura – Writing Against Culture. *Equatorial*, Natal, v. 5, n. 8, p. 193-226, 2018.
- AGUIAR, T. P. A “cultura” para o Reino: materialidades e sentidos da adoração em uma juventude evangélica em Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020a.
- AGUIAR, T. P. Promovendo a “Cultura do Reino”: notas sobre música, religião e cultura a partir de uma juventude evangélica no sul do Brasil. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 1, n. 37, p. 141-167, 2020b.
- ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. *Cadernos De Campo (São Paulo 1991)*, 19(19), pp. 263-284, 2010.
- BOSISIO, I. Religião, cultura, nação: articulações possíveis a partir de três datas comemorativas. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, Ano 24, n. 52, p. 199-221, set./dez. 2018.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: *Cultura com aspás*. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, p. 311-373, 2009.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.
- ENGELKE, Matthew. “Strategic Secularism: Bible Advocacy in England.” *Social Analysis* 53(1): 39– 54, 2009.
- ENGELKE, Matthew. *God’s Agents: Biblical Publicity in Contemporary England*. Berkeley: University of California Press, 2013.
- GIUMBELLI, Emerson. Cultura pública: evangélicos y su presencia en la sociedad brasileña. *Sociedad y Religión*, v. 23, 2013, pp. 13-43.
- GIUMBELLI, Emerson. Turismo religioso, gospel e políticas culturais: notas sobre articulações entre religião e cultura no Brasil. In: *REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 29., 2014,
- GIUMBELLI, Emerson. When religion is culture: observation about state policies aimed at Afro-Brazilian religions and other Afro-Heritage. *Revista Sociologia e Antropologia*, v. 8, p. 401-426, 2018.
- GIUMBELLI, Emerson. Sentidos da Cultura em suas Relações com a Religião: Políticas Culturais e Diversidade Religiosa no Brasil”. *DADOS*, Rio de Janeiro, vol.64 (4) pp.1-32,2021.
- MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- MAFRA, Clara. A “arma da cultura” e os “universalismos parciais”. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 607-624, 2011.
- MARIANO, Ricardo. O futuro não será protestante. *Ciencias Sociales y Religión (Impresso)*, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 89-114, 1999.

MENEZES, Renata; BÁRTOLO, Lucas. Quando devoção e carnaval se encontram. *PROA – Revista de Antropologia e Arte*, n. 9, v. 1, p. 96-121, jan./jun. 2019.

MEYER, Birgit. A estética da persuasão: as formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo. *Debates do NER*, Porto alegre, ano 19, n. 34, p. 13-45, 2018.

MONTERO, Paula. Religião Cívica, Religião Civil, Religião Pública: continuidade e descontinuidades. *Debates do NER*, n. 33, v. 19, pp. 15-39, 2018.

REIS, Lúvia. Religião como forma de proteção da cultura: manifestações culturais e artísticas como campo de disputa. *Religião e Poder*, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/religiao-como-forma-de-protacao-da-cultura-manifestacoes-culturais-e-artisticas-como-campo-de-disputa/>. Acesso em: 19 outubro. 2024.

REIS, Lúvia; TONIOL, Rodrigo. “Como as religiões disputam legitimidade utilizando a estratégia da religião como cultura”. *Religião e Poder*, 18 de outubro de 2021. Disponível em <https://religioepoder.org.br/artigo/como-as-religioes-disputam-legitimidade-utilizando-a-estrategia-da-religiao-como-cultura>. Acesso em: 12 setembro 2022.

ROCHA. C. A Megagreja Hillsong no Brasil: a constituição de um campo religioso transnacional entre o Brasil e a Austrália. *PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v.23.2, 2016, p.162-181.

ROSAS, Nina. “Dominação” evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono. *Contemporânea*, v. 5, n. 1, p. 235-258, 2015.

SILVA, Lucas Luiz Rocha Ferreira da. “*É preciso dialogar*”: articulações entre evangélicos e cultura na Igreja A Ponte de Recife-PE. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

SANT’ANA, Raquel. A música gospel e os usos da “arma da cultura”: reflexões sobre as implicações de uma emenda. *Revista Intratextos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 23-41, 2013.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

## ABSTRACT:

In my field research conducted at the A Ponte Church in Recife, Pernambuco state, I observed how this evangelical community incorporates cultural discourses into its services and events. By attending in-person gatherings and following the church’s social media and digital platforms I identified the native concept of the *arc of culture* presented as a way of engaging in dialogue with *local culture*. In some events organized by the church, there are direct connections with the Steiger Mission, a group dedicated to urban evangelism, whose mission is *to reach and disciple youth culture for Jesus*. This work aims to juxtapose my ethnographic data with analyses of the relationship between religion and culture within the evangelical context, drawing on authors such as Nina Rosas (2015), Taylor Aguiar (2020a, 2020b), Emerson Giumbelli (2018, 2021), Livia Reis and Rodrigo Toniol (2021), and Livia Reis (2023). Drawing on these authors, I argue that culture has become a field of contention for this religious segment, which envisions Brazil as a Christian nation.

**Keywords:** Religion; Culture; Evangelicals; Kingdom Theology.

Recebido em 14/01/2025

Aprovado para publicação em 05/03/2025